

## **Análise do conhecimento de mulheres sobre o uso de anticoncepcionais orais em uma farmácia escola no Centro-Oeste do Paraná**

Joyce de Oliveira Lopes, Centro Universitário Integrado Campus, Brasil,  
[joyceoliveralopes14@gmail.com](mailto:joyceoliveralopes14@gmail.com)

Inglit da Silva Ruella, Centro Universitário Integrado Campus, Brasil,  
[Inglitruella@gmail.com](mailto:Inglitruella@gmail.com)

Tailla Francine Bonfim Machado, Centro Universitário Integrado Campus, Brasil,  
[tailla.machado@grupointegrado.br](mailto:tailla.machado@grupointegrado.br)

### **RESUMO**

Os anticoncepcionais orais, compostos por estrogênio e/ou progestagênio, são amplamente utilizados para prevenção da gravidez, embora seu uso possa estar associado a efeitos adversos que exigem orientação adequada. Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento de mulheres usuárias de anticoncepcionais orais que realizam a retirada desses medicamentos na Farmácia Escola do Centro Universitário Integrado, em Campo Mourão (PR), identificando seu nível de informação e possíveis efeitos adversos relacionados ao método. Trata-se de uma pesquisa descritiva, quantitativa e transversal, conduzida com 46 mulheres entre 18 e 45 anos, por meio de um questionário aplicado pelo Google Formulários. Observou-se que 87,2% das participantes utilizam anticoncepcionais combinados, enquanto 10,6% fazem uso de minipílulas. A maioria das usuárias (52,2%) utiliza o método há mais de três anos e 84,8% afirmaram conhecer os possíveis efeitos adversos, sendo a cefaleia (68,6%), as alterações menstruais (34,3%) e a náusea (31,4%) os mais frequentemente relatados. Apesar desse conhecimento, 58,7% das mulheres não realizam acompanhamento regular, 34,8% não receberam informações sobre contraindicações. Os resultados evidenciam que, apesar do amplo acesso aos anticoncepcionais orais, ainda existem fragilidades no fornecimento de informações adequadas. Assim, destaca-se a importância do farmacêutico na promoção da educação em saúde reprodutiva, garantindo o uso seguro e racional desses medicamentos.

**Palavras chave:** Anticoncepcionais orais. Conhecimento. Efeitos adversos.

### **ABSTRACT**

Oral contraceptives, composed of estrogen and/or progestin, are widely used to prevent pregnancy, although their use may be associated with adverse effects that require proper guidance. This study aimed to assess the knowledge of women using oral contraceptives who obtain these medications from the School Pharmacy of the Centro Universitário Integrado in Campo Mourão (PR), identifying their level of information and possible adverse effects related to the method. This is a descriptive, quantitative, and cross-sectional study conducted with 46 women aged 18 to 45, using a questionnaire administered through Google Forms. It was observed that 87.2% of participants use combined contraceptives, while 10.6% use progestin-only pills. Most users (52.2%) have been using the method for more than three years, and 84.8% reported being aware of possible adverse effects, with headache (68.6%), menstrual changes (34.3%), and nausea (31.4%) being the most frequently reported. Despite this knowledge, 58.7% of women do not have regular professional follow-up, and 34.8% did not receive information about contraindications. The results show that, although access to oral contraceptives is widespread, there are still gaps in the provision of adequate information. Thus,

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



the role of pharmacists in promoting reproductive health education is emphasized, ensuring the safe and rational use of these medications.

**Keywords:** Oral contraceptives. Knowledge. Adverse effects.

## INTRODUÇÃO

Os anticoncepcionais orais são medicamentos compostos por hormônios esteróides, utilizados de forma isolada ou combinada, com o principal objetivo de prevenir a gravidez. Em sua formulação, estão presentes os hormônios estrogênio e progestagênio, que atuam inibindo a ovulação e, conseqüentemente, impedindo a fecundação. Esses contraceptivos podem ser classificados em dois tipos: combinados, que contêm estrogênio e progestagênio, e isolados, também conhecidos como minipílulas, que apresentam apenas o progestagênio em sua composição (Jurema *et al.*, 2021).

Atualmente também existem opções como injeções, implantes, anéis vaginais, dispositivos intrauterinos (DIU) com progesterona e adesivos transdérmicos. Os compostos estrogênicos são os principais causadores dos efeitos colaterais associados aos contraceptivos hormonais. Estes efeitos incluem: tromboembolismo, hipertensão arterial em relação às doenças cardiovasculares, agravamento da enxaqueca e interações negativas com o tabagismo (Rezende A. *et al.*, 2017). Entretanto, os progestagênios também possuem alguns efeitos adversos, sendo a alteração no padrão de sangramento menstrual o principal e mais comum, manifestando-se como sangramento irregular, ou, em alguns casos, amenorreia (ausência de menstruação), o que é a principal razão para o abandono do método. Além disso, outros efeitos colaterais relatados, incluem cefaléia, alterações de humor, sensibilidade nas mamas, ganho de peso e manifestações androgênicas como acne (Machado *et al.*, 2022).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) analisados por Freitas *et al.* (2022), aproximadamente (34,2%) das mulheres brasileiras entre 18 e 49 anos utilizam contraceptivos orais como método principal de prevenção da gravidez. O estudo destaca que a pílula anticoncepcional é o método mais utilizado no país, embora existam desigualdades regionais e socioeconômicas no acesso e uso dos diferentes métodos contraceptivos.

Observa-se que muitas mulheres fazem uso de métodos contraceptivos orais sem acompanhamento profissional regular adequado e sem o devido conhecimento sobre o medicamento utilizado, o que pode levar à ocorrência de efeitos colaterais indesejados. Esse cenário é preocupante, uma vez que o acesso à informação é essencial para que cada mulher possa escolher o método mais adequado às suas

condições de saúde, promovendo, assim, um uso mais seguro e eficaz dos contraceptivos. Nesse contexto, o farmacêutico desempenha um papel fundamental, pois não apenas orienta sobre o uso correto e os possíveis efeitos adversos, mas também esclarece dúvidas, identifica contraindicações e contribui para a adesão ao tratamento, garantindo que a escolha do método contraceptivo seja segura, individualizada e baseada em evidências científicas (Almeida AP. et al, 2017).

Sabendo disso, o objetivo deste trabalho é estimar o grau de conhecimento de mulheres que retiram seus anticoncepcionais orais em uma farmácia de ensino, acerca do conhecimento sobre os mesmos e identificação de possíveis efeitos adversos associados.

## MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, de abordagem quantitativa, com um delineamento de pesquisa do tipo transversal. A referida investigação foi conduzida na Farmácia Escola do Centro Universitário Integrado, que está situada na cidade de Campo Mourão, no estado do Paraná (PR).

A pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário estruturado, que foi elaborado pelas pesquisadoras para abranger as áreas cruciais do estudo por meio do Google formulários. As respostas foram coletadas por mulheres em idade fértil que são usuárias de anticoncepcionais orais que realizam a retirada gratuita desses medicamentos na referida farmácia. Para participar do estudo, as mulheres atenderam aos seguintes critérios de inclusão: possuir a idade mínima de 18 anos e máxima de 45 anos, abrangendo o período reprodutivo, ser usuária de anticoncepcionais orais e efetuar a retirada do medicamento na Farmácia Escola. Foram excluídas da pesquisa, no momento da coleta de dados: mulheres gestantes, aquelas que não utilizavam anticoncepcionais orais no referido período e aquelas que não aceitaram participar da pesquisa.

O questionário se iniciou com a coleta de dados, além de verificar o conhecimento da usuária sobre seu período fértil. A seção central do questionário focou no uso de anticoncepcionais orais, buscando o nome do medicamento, o tempo de utilização e se o uso é contínuo. Um ponto chave foi a avaliação do conhecimento e da experiência da mulher: se recebeu orientação inicial, se conhece os possíveis efeitos adversos (como Náusea, Cefaleia, Alterações menstruais, Trombose e Hipertensão) e as contra indicações do seu medicamento. O questionário também investigou a ocorrência real de efeitos adversos e avaliou-se o acompanhamento de saúde, verificando se a participante realiza acompanhamento regular e qual profissional o executa, bem como seu interesse e a necessidade de receber informações adicionais sobre o método contraceptivo.

Responderam ao questionário 50 mulheres. Destas, quatro respostas foram excluídas da análise, por não utilizarem métodos orais, não se enquadrando no objetivo desta pesquisa. Dessa forma, a amostra final contemplou 46 participantes. Além disso, as participantes concordaram com a participação mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os dados obtidos foram organizados e analisados de forma quantitativa, com apresentação dos resultados em tabelas e gráficos. Buscando identificar padrões nas respostas fornecidas pelas participantes, foi realizado uma análise percentual da amostragem, buscando identificar padrões e frequências nas respostas fornecidas pelas participantes.

O presente estudo foi conduzido conforme os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Integrado, sob o número de apreciação ética CAAE 89589525.0.0000.0092

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi constituída por 46 participantes do sexo feminino, das quais a maioria (71,7%) era composta por jovens com idades entre 18 e 24 anos, solteiras (80,4%) e com nível alto de escolaridade (63%). Esse perfil reforça que, nessa faixa etária, a contracepção desempenha um papel fundamental, especialmente ao considerar o predomínio do estado civil solteiro, no qual o uso de métodos anticoncepcionais está fortemente associado à prevenção da gravidez não planejada (Cabral et al., 2024)

O nível elevado de escolaridade é um fator determinante no acesso e uso de métodos contraceptivos no Brasil. Conforme apontam (Araújo et al. 2023), indivíduos com maior grau de instrução tendem a possuir mais conhecimento e acesso a métodos contraceptivos de longa duração. Essa escolha pode ser explicada pelo “padrão típico” descrito por (Cabral et al. 2024), no qual as jovens passam a usar a pílula logo após o início da vida sexual, muitas vezes substituindo o uso de preservativo. O fácil acesso nas farmácias no Brasil também ajudam a explicar por que o uso da pílula ainda é tão comum.

Identificou-se que a maioria (71,7%) das participantes afirmaram conhecer o seu período fértil,. De acordo com (Padilha 2021), compreender as variações do ciclo menstrual é essencial para que a mulher identifique seus períodos de maior e menor fertilidade, favorecendo tanto a prevenção quanto o planejamento da gestação. Nesse sentido, (Paletta 2021) ressalta que o uso de tecnologias, como aplicativos de monitoramento do ciclo, pode auxiliar nesse processo, desde que acompanhado por informações confiáveis e orientação profissional. A ausência desse conhecimento pode dificultar a tomada de decisões seguras quanto à contracepção. O elevado percentual de mulheres que relatam conhecer seu período fértil sugere um nível satisfatório de consciência corporal, no entanto fortalecer ações de educação em

saúde reprodutiva, com foco na promoção do autoconhecimento corporal e na ampliação do acesso a informações de qualidade é de suma importância (Padilha, 2021; Paletta, 2021).

Em relação ao tipo de anticoncepcional utilizado pelas participantes, duas categorias de uso foram observadas: minipílulas, que contêm apenas progesterona e anticoncepcionais orais combinados (AOCs) compostos por estrogênio e progestagênio. Observou-se que 5 participantes (10,6%) faziam uso de minipílulas, enquanto 41 (87,2%) utilizavam AOCs, conforme apresentado na Tabela 1. No grupo das minipílulas, observou-se predominância de desogestrel, seguido de etonogestrel, dienogeste e drospirenona. Entre os combinados, verificou-se maior frequência de formulações contendo drospirenona, seguidas de acetato de ciproterona, gestodeno e desogestrel, enquanto os demais princípios ativos apareceram em menor proporção.

Tabela 1 – Distribuição dos anticoncepcionais hormonais utilizados segundo os princípios ativos:

A. Minipílulas (apenas progestagênio)

Princípio ativo	Nº de usuárias	% dentro do grupo (n=5)	% do total (n=46)
Desogestrel	3	60,0	6,5
Dienogeste	1	20,0	2,2
Drospirenona	1	20,0	2,2
Total	5	100,0	10,9

B. Combinados (estrogênio + progestagênio)

Princípios ativos	Nº de usuárias	% dentro do grupo (n=41)	% do total (n=46)
Drospirenona + Etinilestradiol	23	56,1	50,0
Acetato de Ciproterona + Etinilestradiol	5	12,2	10,9
Gestodeno + Etinilestradiol	5	12,2	10,9
Desogestrel + Etinilestradiol	3	7,3	6,5
Acetato de Clormadinona + Etinilestradiol	1	2,4	2,2

# SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



Levonorgestrel + Etinilestradiol	1	2,4	2,2
Valerato de Estradiol + Dienogeste	1	2,4	2,2
Total	41	100,0	89,1

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A predominância por formulações que associam estrogênio e progestagênio. A literatura aponta os anticoncepcionais orais combinados como o método hormonal oral mais utilizado, devido à sua eficácia contraceptiva, regularidade do ciclo menstrual e ampla disponibilidade (Alves et al., 2021; Brandão et al., 2022). Por outro lado as minipílulas como o desogestrel, principal minipílula utilizada, permanecem menos frequentes, sendo geralmente indicadas para casos com contraindicação ao estrogênio ou durante o período de lactação, o que justifica sua menor frequência em comparação às pílulas combinadas (Machado e Politano, 2022; SILVA et al., 2020).

Adicionalmente, o bom nível educacional das participantes pode ter influenciado positivamente na adesão e na continuidade do uso dos métodos, sendo que (52,2%) relataram utilizá-los por mais de três anos, conforme gráfico 1. Porém, o uso prolongado desses medicamentos pode contribuir para o aumento da ocorrência de efeitos adversos. Conforme apontam (Silva Barbosa e Penna Chaves, 2022), o uso prolongado de anticoncepcionais pode resultar em sintomas como cefaléia, náusea e alterações no ciclo menstrual, exigindo acompanhamento profissional adequado. O tempo de exposição aos hormônios também está relacionado a alterações metabólicas e emocionais, como sensibilidade mamária e variações de humor (Barbosa, Coêlho e Sousa, 2022). Dessa forma, é essencial o monitoramento regular das usuárias, a fim de garantir um uso seguro e minimizar possíveis riscos associados.

Há quanto tempo faz uso?

46 respostas

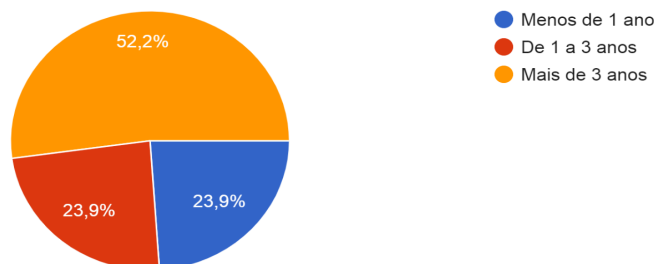


Imagem 1- Tempo em anos que as participantes utilizam os anticoncepcionais orais.

Embora a maioria das participantes tenha recebido orientação profissional inicial (84,8%), o estudo revelou lacunas significativas na continuidade do cuidado, sendo que (34,8%) das usuárias não receberam informações sobre contra indicações, e (58,7%) dizem não realizar acompanhamento médico regular. Esses achados sugerem a necessidade de fortalecer as estratégias de acompanhamento e educação continuada voltadas às usuárias de anticoncepcionais hormonais (Borges; Ale; Silva, 2022).

Conhece os possíveis efeitos adversos?

46 respostas

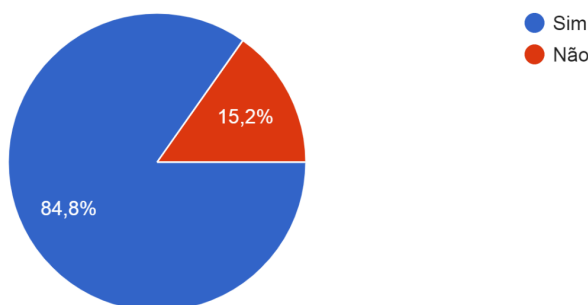


Imagem 2- Conhecimento dos efeitos adversos pelas participantes.

Ademais, o Gráfico 2 mostra que a maioria das participantes (84,8%) relatou conhecer sobre efeitos colaterais associados ao uso de anticoncepcionais hormonais. Conforme ilustrado no Gráfico 3, os sintomas mais frequentemente mencionados foram dor de cabeça (68,6%), alterações menstruais (34,3%) e náuseas (31,4%). Esses efeitos são comuns entre usuárias de métodos hormonais e podem influenciar negativamente a adesão ao tratamento contraceptivo.

Se Sim, quais já sentiu?

35 respostas

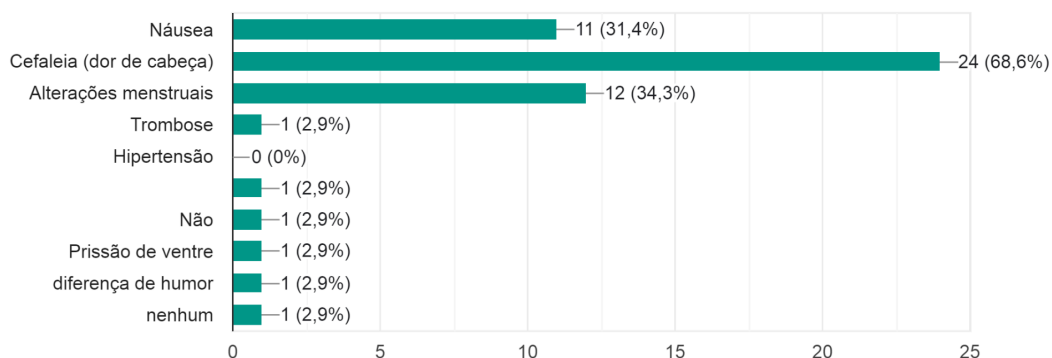


Imagem 3 - Efeitos colaterais mencionados pelas participantes.

Um estudo transversal realizado por (Tozetto et al., 2022), avaliou a prevalência de eventos adversos em 269 estudantes usuárias de contraceptivos hormonais orais (CHO), também revelou uma alta incidência de reações indesejadas. Dos 50,2% das estudantes que utilizavam CHO, 42,2% relataram ter experimentado pelo menos um efeito adverso. O evento adverso mais comum foi a dor de cabeça, sendo relatada por 70,2% das usuárias afetadas. Adicionalmente, o estudo identificou que a comorbidade de enxaqueca (migrânea) estava associada à maior ocorrência de efeitos adversos, reforçando a necessidade de aconselhamento farmacêutico detalhado e individualizado sobre os riscos e contra indicações do CHO.

Ribeiro et al., 2018, observou outros efeitos colaterais associados. A revisão demonstrou que o uso da pílula anticoncepcional traz riscos para a saúde cardiovascular, o que exige atenção maior no acompanhamento com profissional. O estudo também destacou a elevação da pressão arterial. O estrogênio presente na pílula ativa um sistema hormonal no corpo chamado Renina-Angiotensina-Aldosterona (SRAA), um eixo endócrino que regula a pressão arterial e o volume sanguíneo, causando retenção de água e sal. Esse processo faz com que a pressão suba. O estudo confirma que essa elevação na pressão acontece mesmo com as pílulas de doses mais baixas e pode levar ao desenvolvimento de hipertensão, especialmente em casos de uso prolongado. Outro risco grave e já bem estabelecido é o aumento da chance de coágulos (trombose) que podem causar doenças sérias como Tromboembolismo Venoso (TEV), Infarto e Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Entre as participantes, (67,4%) expressaram o desejo de serem informadas sobre possíveis efeitos adversos dos contraceptivos hormonais. Além disso, (63%) manifestaram interesse em receber acompanhamento regular por um profissional de saúde, e (87%) gostariam de orientações para escolher o método contraceptivo mais eficaz. Estudos recentes corroboram esses achados, evidenciando a necessidade

# SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

de uma abordagem mais informada e acompanhada no uso de anticoncepcionais hormonais. Pedrosa, Pereira e Lima (2021) destacam que, apesar da alta prevalência do uso de métodos contraceptivos no Brasil, há uma lacuna significativa no fornecimento de informações adequadas sobre os efeitos adversos e a escolha do método mais eficaz.

Diante dos resultados obtidos, o farmacêutico pode atuar oferecendo orientações sobre o uso correto do método e seus possíveis efeitos adversos. De forma complementar pode promover estratégias educativas tais como: realização de palestras, instruções sobre o período fértil, entrega de materiais informativos, acompanhamento contínuo para avaliar adesão e ocorrência de possíveis efeitos adversos. Todas essas ações contribuem para fortalecer a autonomia das usuárias e reduzir riscos relacionados ao desconhecimento dos anticoncepcionais hormonais orais (BRANDÃO, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, verificou-se que a maioria das mulheres entrevistadas utilizam anticoncepcionais orais sem acompanhamento profissional e maior parte a mais de três anos. Apesar disso, observou-se que boa parte possui algum conhecimento sobre os efeitos adversos associados ao uso do método. Ainda assim, muitas apresentaram dúvidas quanto às contraindicações, ao tempo de uso e à importância do monitoramento por um profissional de saúde.

Evidenciou que as mulheres desejam aprofundar seu conhecimento sobre os métodos contraceptivos, demonstrando abertura para orientações e informações adequadas. Esse achado reforça a importância de ações educativas voltadas à saúde reprodutiva, nas quais o farmacêutico desempenha papel essencial. Essas demandas devem ser consideradas na formulação de políticas públicas e estratégias de saúde, visando promover uma contracepção mais segura e eficaz.

Em resumo, os resultados deste estudo indicam que o principal desafio da saúde reprodutiva no Brasil não é o acesso inicial aos métodos, mas sim a qualidade da orientação, o acompanhamento contínuo e a atualização dos métodos oferecidos. Ações educativas e informativas, como as realizadas em locais de aprendizado e serviços de saúde como a Farmácia Escola, são fundamentais para melhorar a segurança e a eficácia do uso dos anticoncepcionais.

## REFERÊNCIAS

- (1) ALMEIDA, A. P.; ASSIS, M. M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.
- (2) ARAÚJO, A.; PARREIRA, A.; VALADARES, C. et al. Anticoncepcionais hormonais contendo apenas progestágenos e seus principais efeitos. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 15, n. 1, p. 75-81, ago. 2016.
- (3) ARAÚJO, F. G. et al. Mix contraceptivo e fatores associados ao tipo de método usado pelas mulheres brasileiras: estudo transversal de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 8, e00229322, 2023.
- (4) BARBOSA, G. S.; PENNA CHAVES, A. C. Uso prolongado de contraceptivos orais e seus efeitos adversos em mulheres em idade reprodutiva. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 14, n. 5, p. e10589, 2022.
- (5) BARBOSA, J. F.; COÊLHO, M. R.; SOUSA, L. P. Alterações metabólicas e emocionais associadas ao uso de anticoncepcionais hormonais. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 44, n. 8, p. 1234-1242, 2022.
- (6) BORGES, A. L. V.; ALE, C. C. D.; SILVA, L. C. F. Fatores associados à descontinuidade no uso de métodos contraceptivos após a vivência de um abortamento. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 43, 2022.
- (7) BORGES, A. L. V.; CHOFAKIAN, C. B. N.; VIANA, O. A.; DIVINO, E. A. Descontinuidades contraceptivas no uso do contraceptivo hormonal oral, injetável e do preservativo masculino. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, e0014220, 2021.
- (8) BRANDÃO, E. R. O atendimento farmacêutico às consumidoras da contracepção de emergência. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 522-533, 2017.
- (9) CABRAL, C. S. et al. A contracepção como um valor: histórias de jovens sobre desafios no uso e manejo dos métodos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 1, e230803pt, 2024.
- (10) CORRÊA, D. A. S. et al. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 54, p. 1-9, 2020.

- (11) FREITAS, P. et al. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 1045-1054, 2022.
- (12) JUREMA, K. C.; JUREMA, H. C. Efeitos colaterais a longo prazo associados ao uso de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Cereus**, v. 13, n. 2, p. 124-135, 5 jul. 2021.
- (13) MACHADO, R. B.; POLITANO, C. A. Progestogen-only oral contraceptives. **Revista Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 44, n. 4, abr. 2022.
- (14) NORONHA, R. C. et al. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, supl. 2, p. 3493-3504, 2021.
- (15) OLIVEIRA, K. A. R. D.; SATO, M. D. O.; SATO, R. M. S. Uso e conhecimento a respeito de anticoncepcionais por acadêmicas de farmácia. **Revista UNIANDRADE**, v. 20, n. 3, p. 115-120, 2019.
- (16) PADILHA, M. S. Conhecimento do ciclo menstrual e autonomia feminina na escolha de métodos contraceptivos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 74, n. 5, p. e20200984, 2021.
- (17) PALETTA, F. C. Aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e o autoconhecimento reprodutivo feminino. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 8, p. 562-569, 2021.
- (18) PEDROSA, E. N.; CORRÊA, M. S. M.; FERREIRA, A. L. C. G.; SOUSA, C. E. S.; SILVA, R. A.; SOUZA, A. I. Contracepção e planejamento reprodutivo na percepção de mulheres com doença falciforme. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 42, e20200109, 2021.
- (19) REZENDE, A. C. C. et al. Riscos da utilização de contraceptivos orais. **Journal of Medicine and Health Promotion**, Patos-PB, v. 2, n. 1, p. 468-480, jan./mar. 2017. ISSN 2448-1394.
- (20) RIBEIRO, C. C. M. et al. Efeitos de diferentes anticoncepcionais hormonais nos valores de pressão arterial da mulher. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, 2018.
- (21) TOZETTO, H. C. M. et al. Adverse events related to oral hormonal contraceptive use in undergraduate pharmacy students: a cross-sectional study. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. e21335, 2022.

# SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Apoio

